

# ESTOU VIVO E ESCREVO SOL

através de António Ramos Rosa  
com palavras corpos silêncios e sombras

truir redes

no caminho das palavras  
e o que existe é a imaginação  
estou vivo e escrevo sol  
entre as silhuetas esguias  
liberta-me

espraíam as folhagens giratórias

a fremente germinação

terrestre ou divino

e na pálpebra azul da eternidade

onde rir é escrever gritos

é universo em elementar efusão

a água

adormece-me  
sede de sal

e as melodias

iluminando com o sangue

na iminência  
no rumor ofuscante

são as murchas das flores

que são as palavras?

onde tudo permanece imóvel

como vagarosos limbos

em perfume ou uma brisa

e o vento e a luz são

de dorso firme

de dorso fendido



<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol>

v. 2

escrevo sol e uma sombra ou uma nau primaveril da tua cintilação  
no mel ondulante murmura a sombra uma carícia oblíqua infinito ou  
diagonal onda nada se cria no teu impalpável ritmo na tua inocência  
não clamam as âncoras imponderáveis através dos sons onde a  
escrita jorra e escrever uma serpente ou adormecer e a leitura e a asa  
como cintilantes navios da tua suavidade da tua transmutação de ar  
da tua lentidão no sémen do tumulto acariciando-me lividamente os  
olhos

o cântico dos desertos cálidos escuta-me onde tudo adensa firme são  
as mulheres os labirintos o dorso tenso agitando a paisagem no  
brilho dos murmúrios e que são os círculos? a espessura dos gritos  
ingênuos é o vibrante poema é o ingênuo murmúrio é o clamor do  
sopro é mel em suave mistério e os aromas estremecem de punho  
fendido enunciando a vulva cálida e a fome e a cegueira e tudo isso  
é uma sombra uma infância flutuante um arabesco ou efémero corpo  
e as palavras ou a ficção dos milagres magnéticos acariciando  
longamente as luas através das sílabas da tua delicadeza na memória  
do sopro não me reconheço: estou cheio do silêncios estou fendido  
ou absoluto e as palavras, cristalinas e na cúpula branca da  
divindade são as mulheres são as cores da tua embriaguez abraçando  
a infância vaga dos mitos secretos e o que é uma magia embriagada?  
onde tudo germina disperso é essa música subtil no rumor ofuscante  
e é a distância e o sopro

para não sufocar para através dos ecos ser a fugidia ausência e ser densos brilhos no sal do clamor e ser a tua espessura onde não gritam onde o centro lúcido e claro do sémen é o onde o amor jorra onde o enigma acena iluminando com o sangue os crepúsculos invioláveis da terra pedra, do ouro, do vazio do dia onde a cal arde absolutamente ou suspirando o teu sal no eco cintilante e flutuando pelas conchas calcinadas dos ventos como a escrita fugidia da tua cúpula adolescente a a argila dos peixes férteis e o rumor e a ficção

acaricia-me: flexível ou enigmático respira-me e do teu corpo do teu cristalino ritmo não vacilem as tintas descalçando obstinadamente os úteros do poema: argilas e pedras e urtigas e é o lento brilho através dos sons e a ficção e o acaso que são que é sopro em ávido fulgor: incendeia-se e ergue-se a cal e o fogo através dos sons é aceno ou grito ou argila e carícias como a nudez

uma sombra uma criança imprevista e são as mulheres os espelhos o ritmo indecifrável da leveza do sopro soã um punhal ou uma escrita profanando espontaneamente as lágrimas e são o sombrio enigma a brisa ou a língua para não sufocar não gritam e o amor no seu vibrante espanto o amor nos gritos translúcidos dos corais em sossego absorve a teia cintilante comovendo languidamente os rios

fome de cal através das metáforas

magnético ou arabesco onde tudo lateja impalpável disperso ou primordial entre o corpo e o espaço entre a miséria e a música habitada dos nítidos desertos e essa espuma ínfima flutuando pelas águas enterradas no poema ruidoso acendendo o mistério no brilho das palavras e de pulmão firme desagregando o abismo como água é a memória e é a luz e os silêncios não suspiram embriagando são as mulheres as carícias afluindo pelas arcas adormecidas dos enigmas em turbilhão como a folhagem melodiosa da tua concha dourada ou a água e o gesto frágil murmurando na primavera nos sopros adormecidos nos poemas melancólicos

são milagres como perfumados planetas e na espessura dourada da folhagem uma ideia: o espaço puro do teu umbigo de quartzo nos círculos submersos pela argila leve da ausência frágil ou da secreta argila

estar vivo e ser sol onde a seiva cintila e onde tudo adensa

as árvores não ardem como ingênuos monstros da tua harmonia: são uma embriagada ausência através dos simulacros do verde das distâncias

ardem como paixões não suspiram o sopro dos poemas frágeis as palavras, cristalinas como a folhagem oscilante da tua lágrima branca

estão à espera dos úteros no mel flutuante como cintilantes  
filamentos ou frescura nua como a escrita invisível da tua respiração  
adolescente na textura do espanto escrevendo violentamente as  
esferas e é o impronunciável mistério através dos simulacros onde  
deslizam as músicas indeléveis e onde voar é respirar caligrafias e  
onde o mar brota voando pelas sílabas extintas e suspira e grita  
estranhando o teu espanto ou a cintilante claridade dos teus insólitos  
símbolos e as palavras não compensam o ouro vivo deserto são  
cegueiras não adormecem nos amanhãs apaixonados são visões não  
respiram e o que são as vozes? são os desertos à espera dos  
territórios da solidão: descalça-me iluminando o teu espanto ou são  
os rumores dispersos os cristais a finíssima extensão da noite e da  
nudez volúvel

escuridão na superfície do tumulto da tua ânsia

são as mulheres são as cores são uma árvore suspensa e procuro  
palavras: água silêncio amendoeiras noite rumor: suspenso e de  
suaves enigmas como o ritmo indecifrável da leveza do teu sopro e  
não adormecem onde o deserto desliza não cintilam pelas metáforas  
vacilantes como insólitos cavalos são os círculos são o sémen e o  
corpo e a radiosa plenitude dos gritos não gritam não persistem e na  
lua verbal da folhagem e do silêncio submergem as suas  
ressonâncias as suas extravagantes aurora giratórias os abismos  
firmes e à espera dos úteros um ritmo ou um cílio uma imaginada

ausência onde germina o impalpável magnético mel flutuante  
acariciando ingenuamente as folhas

transmutação de sangue para não sufocar e mármore dos desertos  
lúcidos e o que é uma casa inextinguível? É turbilhão embriagado  
abrindo a primavera é uma imaginada formosura colorindo o  
espanto nos animais nus é uma erva da tua fluidez na argila leve da  
ausência e é nomear e é suspirar escritas

renascer é ler sílabas como a carne silenciosa da tua cúpula mágica  
porque o que são as fantasias? são as mulheres as escritas e gritar é  
abraçar corais de desertos adormecidos pelo crepúsculo dos eclipses  
nítidos e a viva vibração dessa ausência embriagada e essa  
constelação cintilante liberta-me da sede de sal e cria-me e  
ressuscita-me na magnética suavidade das escritas tranquilas e das  
línguas que estremeçam

renascer é refazer aranhas nos abismos férteis é voar pelas artérias  
cintilantes nos murmúrios incandescentes onde o mar arde é esperar  
pelos territórios da solidão e do sal no espanto dos silêncios na  
cintilante desmesura dos espelhos e em silêncio ser as mulheres e os  
murmúrios e as vozes dilatando-se como quem emerge do silêncio  
visível como uma embriagada cintilação como a língua do verde e é  
esse fio súbito abrindo o abismo e ressuscitando voluptuosamente as  
estrelas que o ritmo indecifrável da leveza e do sopro nomeia: e



é saborear segredos nos oásis indefiníveis na argila leve da ausência  
onde nada brilha é tudo é uma imaginada audácia é sopro em  
cintilante fulgor é sopro de verdura ou de terra agitando a abóbada  
indizível e a taciturna pulsação

descalçando discretamente as folhagens e as evidências ardem os  
acenos: ou as brisas e rir é acariciar mulheres ou noivas que não  
voam pela frescura nem seu absoluto mármore é abismo do tumulto  
mas que mar? Esse comovendo silenciosamente as folhas da tua  
suavidade e o sangue e o perfume através dos símbolos e

das verduras vertiginosas: aqui o teu brilho sussurra e liberta-se e  
grita é o ritmo indecifrável da leveza da chuva e das memórias  
adormecidas do teu sal e são as mulheres as pupilas dos murmúrios  
em turbilhão na iminência do teu encontro e murmurando a tua sede  
são cálidos monstros é são o inabitável ócio dos versos magnéticos e  
o que é uma mulher flutuante? e de vagos rumores as palavras,  
cristalinas e de firmes brilhos: tudo está imóvel e são as mulheres as  
aranhas e os acenos alastram-se e adormece-me: é a escrita o acaso e  
a viva audácia da tua cintilação esvoaçando pelas arcas suspensas  
dos cavalos delicados e dos ossos em tumulto e das cúpulas  
tumultuosas povoando o ouro e o que são as nuvens?

no som das vozes estou vivo e escrevo sol e a alegria inventada nos  
mitos indelévels e o deserto lânguido murmurando o amor enunciam  
lentamente os astros e o bronze das palavras: desenhar é acariciar

montanhas e o que é uma nau inextinguível? afluindo pelas carícias inquietas

sede de ouro ressuscitando a pedra

tudo adensa e é ausente ou ilusório e indefinível: tudo incendiando a tua saliva o fulgor da noite

não existe um corpo ou um tremor: liberta-te e ergue-te no rumor ondulante das mulheres e dos rumores no mapa cristalino no som do eco nos acenos suaves e os úteros oscilantes

não gritam são som da tua harmonia e som da tua voz são ecos são a inocência de uma ideia a nostalgia do cristal do teu útero suspirando e da lua ensanguentada da tua liberdade e a dos ventos e em sossego é a delicada plenitude do aceno oscilante que

são as mulheres os tumultos a harmoniosa ondulação e a flecha vertical da inocência a melodia ínfima a sombra cintilante da tua pulsação transparente a pulsação do crepúsculo e os corais e a leitura do abismo e os corpos flutuando pelas memórias adormecidas e o sal primaveril e o murmúrio e o tumulto ou o labirinto pois tudo está imóvel e persistem e no poema das palavras rir é enunciar enigmas e são essa música ínfima é o grito e a nudez e os de firmes desertos beijando a brisa delicada e os vagos enigmas do sopro e o ouro lânguido acendendo o mistério e o corno súbito

fantasiando o poema e a transmutação do espanto como espuma e as  
paixões são o tumulto à espera dos úteros nos astros  
impronunciáveis são uma perfumada ausência e a hora leve a erva  
fugidia da cegueira ensanguentada as primaveras subterrâneas um  
aceno um milagre são as palavras e uma nova língua e os gritos  
soprar as esferas e a pedra ensanguentada da suavidade são os  
enigmas acenando, embriagando o silêncio dos murmúrios são o  
enigma e a sombra e a penumbra as mulheres

onde o ouro pulsa flutuando pelas escritas esquecidas: uma árvore  
suspensa é o absoluto e é o poema e detritos uma sombra uma  
carícia densa

e o que são os enigmas? são o amor em lânguido brilho nos corais  
incendiados e essa densidade solar onde o teu amor cessa e nada  
mais entre o corpo e o espaço existe e são as mulheres os desertos  
dos peixes nítidos onde tudo respira impalpável e é o ausente  
perfume dos planetas que não clamam no espanto das folhagens e  
que é uma casa indizível? comovendo violentamente as noites como  
finíssimos monstros os corais não respiram são uma sombra uma  
infância tumultuosa um deus murmurando: uma árvore no teu  
enigma são as mulheres são os sinais voando pelas conchas  
suspensas e erguem-se e estremecem dos murmúrios em sossego  
lânguido escrevendo o asfalto dos sopros as constelações cristalinas

adormece-me respira-me onde se desagregam as cadências  
extravagantes onde o efêmero amor no seu ingênuo ritmo é labirinto  
e voz verde e frescura e sussurrar é libertar galáxias

como a argila: rumor disperso onde tudo estremece e onde a  
folhagem abatida da tua saliva branca grita e as primaveras fortuitas  
da tua ânsia da tua distância dos teus firmes rumores das águas do  
aceno iluminado da carícia ardente e dos cavalos e do nome e do  
corpo e que são que são as crenças? estranhando a tua sombra e  
enunciando violentamente as clareiras das tuas primaveras não ardo:

como argila é o poema e é o ar e a perfumada delicadeza  
extravagante dos astros entre o sono e a alegria inventada e  
iluminando o teu espanto e o teu corpo e incendiando ingenuamente  
os astros e na erva imprevisita da tua inocência e na erva invisível da  
minha asa branca e na carne e no ouro e onde tudo se agita e está  
ausente como cintilante filamento e que mar? o da tua lentidão e o  
da minha sílaba indecifrável e o que é uma mulher indizível é uma  
sombra é uma seiva enigmática é a delicadeza e as memórias como  
brilham

do teu sangue

fantasia ansiosa fogo amante e não germinando da tua ânsia sou  
pedra viva clamor nudez o poeta no poema rumor iluminado ouro  
vivo e teias sangrando os monstros invisíveis os sinais as brisas

ínfimas a paisagem ausente a hora leve do deus murmurando: uma árvore delicada ou furtiva e tudo é deserto e verdura e sou anónimo ou lúcido enunciando violentamente as folhas e enigma ou pálpebra efémera da tua fragilidade diagonal e o que são as ficções?

os mitos dourados não flutuam são uma sombra uma seiva flutuante não clamam visões irrompem e aqui o teu poema flutua e as paixões persistem e o brilho dos ventos delicados é inocência do espanto nos sopros inquietos

a brevidade das flores as cegueiras vocálicas a claridade feroz a ave giratória: eco firme como ávido poema: pedra, ouro, o vazio das cores e os círculos

persistem as narrativas desagregam-se as vértebras vocálicas e a música das vogais descalça-me os desertos: o teu sexo no seu cristalino mármore de peixe suave é o sombrio espanto desta iminência de

o encontro aqui é o teu clamor e reaparece entre a miséria e a música habitada: é uma sombra e uma flecha adormecida e é o ar dissipando-se como um meteoro entre gritos musicais e línguas ávidas de lágrimas qual juvenil cavalo lânguido murmurando a primavera

é a pedra e é o mar e é o meu corpo incandescente e é o ódio e é a  
verdura e é essa escultura primaveril através das sílabas e do cálice  
súbito incendiando a paisagem e é a cabeça cintilante da tua concha  
ensanguentada e é acariciar florestas e despertar ou sussurrar em  
ritmo lânguido murmurando: vivo e que são as visões? na brisa do  
amor que são as noites? no meu lento corpo onde germinam as  
palavras? a imaginada ausência e o que são as visões? uma sombra  
uma concha antiquíssima e que é a folhagem dos muros em  
sossego? é perfume em fraterno brilho e porque tudo está imóvel?  
no rumor do abismo e o que são as espumas embriagadas? os astros  
imortais onde o mar emerge são transmutação de cristal onde  
incendeiam as esferas silenciosas da tua cintilação e o que é a língua  
flutuante da tua seiva adormecida? é o tremor dos enigmas musicais  
e o que é uma mulher vocálica? iluminada lucidez acariciando-me  
os olhos uma sombra uma primavera feroz uma antiquíssima  
germinação uma carícia ardente e o que é construir gritos? delicada  
pulsação murmurando a folhagem sombria no teu vibrante limbo  
nos teus olhos no lume do teu corpo despindo-se agitando  
languidamente as carnes do seu lícido perfume dos densos desertos  
da iminência do encontro do secreto rumor dos sinais do

é o sangue e é o fogo murmurando a tua lentidão

incendeia-se e brilha embriagado como sede de saliva e turbilhão e  
dor e não tenho lágrimas e permaneço oculto dos oásis em sossego e  
o é uma luz indecifrável? é ler fantasias de peito submerso

adormecendo na tua lentidão no teu perfumado silêncio no clamor  
do rumor onde tudo agita na frescura dos círculos secretos nos  
cavalos calcinados e na escrita ensanguentada

o sal não regressa não vacila: cálido ou terrestre no espanto do  
crepúsculo existe e é a imaginação e é o sal e é a escrita: dança  
giratória, cristal, seiva finíssima da tua infância dourada e na  
fantasia verbal da frescura a folhagem dos silêncios indizíveis  
suspirando a tua lentidão de outono

o sol e o poema não murmuram no enigma do sopro são uma  
adormecida fluidez a inocência de uma ideia derrubando as águas  
ingênuo sémen miséria e música ar dissipando-se como meteoro ou  
antiquíssimo abismo e os sons como cristalinos pássaros não dilatam  
no fulgor no clamor nem na luz densa da felicidade

o cálido fogo transmuta: fantasiando voluptuosamente as crenças e  
as ínfimas ou repentinas galáxias da tua sombra e do teu mistério o  
clamor do sopro e as mãos do silêncio são luz ou um rio uma sombra  
dos círculos em tumulto a música do ouro vivo e as mulheres as  
mulheres esse eco vibrante e ar dissipando-se como um meteoro e os  
abismos do sangue dos crepúsculos

ásperos como monstros ou pedra viva e a língua do verde é isso  
onde o sangue emerge e não germinam outonos silenciosos:  
murmura-me no teu ondulante limbo

escuta-me nos acenos indizíveis como erva dos murmúrios e na  
pedra lúcida da divindade és clamor em secreto eco dos círculos  
adormecidos és clamor do sopro dos rumores em turbilhão agitando  
a música radiosa és sombra invisível de asa cintilante flutuando e  
cessando no ritmo dos poemas de dorso iluminado

sou essa verdura sombria dos detritos em tumulto sou tua cegueira  
sou a perfumada cintilação do teu enigma sonhando no eco do  
tumulto a tua cintilação sou o espanto e o bronze e eclipse no  
mistério dos detritos como líquido vivo arabesco ou firme subtil  
fragilidade da tua vibração como seiva cintilante da vértebra  
adolescente

rumor ou nuvem no ritmo dos corpos fantasiando as borboletas as  
músicas fulgurantes as primaveras imponderáveis o teu verde  
deslizando pelas sílabas adormecidas na paisagem branca da  
felicidade o teu cântico adensa a minha respiração de cal e na  
paisagem imprevista da suavidade: uma sombra uma borboleta  
diagonal

são os murmúrios e o que é uma galáxia vertiginosa? é contemplar  
poemas como a nudez o grito os demónios o sossego a linguagem e  
desmesura: é o lento enigma no centro lúcido e claro do sêmen  
como violentos astros em sossego



a tua distância e os desertos insólitos e o que é uma nau inesgotável?  
dorme e irrompe no poema enigmático o secreto e ínfimo rumor do  
espanto do mistério da escrita: enigma em finíssimo fulgor onde o  
bronze respira uma sombra uma argila fugidia e o grito e a água são

são as mulheres as carícias a tua lentidão a delicada cintilação que  
são os rumores? são as esferas e não vacilam como a chuva e que  
são as horas? são uma adormecida harmonia e o clamor e o amor  
povoando a linguagem de peito fendido são os nomes no seu gélido  
espanto os labirintos da tua voz as narrativas frementes no silêncio  
os densos cristais e adormecer é saborear as galáxias dos teus vagos  
corpos e é a luz povoando a primavera e o que é uma sombra  
vocálica?

assim: iluminam-se onde tudo sussurra e que fragilidade são as  
casas? flutuando na tua sombra dissipando-se como um meteoro e  
imóvel como o mapa dos sons férteis a pálpebra perfumada a sede e  
o fogo onde tudo suspira vivo poemas onde gritam as pedras  
melancólicas e respiram e cintilam a hora leve o suor o murmúrio

sede de sal: submerge ausente o feroz enigma e a tua fragilidade e o  
que é uma infância tumultuosa? o teu clamor sussurra nos pulsos  
translúcidos no murmúrio dos gritos é a folhagem e é a sombra  
como a seiva invisível da pulsação ensanguentada

escrevo a noite e não clamam e na cegueira vertical da divindade é o inesgotável amor através dos gritos no seu lento quartzo e a chuva pulsa adormecendo-me o corpo giratório sou sede de espanto e respiração musical dorso iluminado onde a seiva pulsa escuta-me: essa caligrafia sombria essas metáforas não adormecem não emergem são fantasias sob o cílio ou o tumulto: liberta-me e as abelhas da tua cintilação e o labirinto da tua magnética solidão serão água e mulheres e sinais de densos rumores como a carne da tua cegueira no seu flutuante murmúrio e essa pálpebra musical esse pulmão e minha flutuante plenitude como voz silenciosa flete uma nova língua emerge povoando o enigma murmura a tua espuma no nocturno fulgor do desejo iluminando o impalpável aqui do teu sexo clamando como delicado aceno a antiquíssima respiração e incendiando a pátria oscilante e de suaves murmúrios que ilumina o teu brilho: entre o corpo e o espaço arabesco ou sinuoso não sonham os murmúrios: desliza e irrompe dos ecos suspensos e dos labirintos o abismo cintilando e as cintilações suspensas do que é e o que é uma borboleta indecifrável?

ressuscitando: o símbolo no murmúrio das palavras o cântico em frágil perfume dos rumores o tumulto das borboletas: estar vivo e ser sol é o vago cântico e não me reconheço: estou cheio do silêncios onde sussurram as cegueiras cintilantes

adormeço-me e o corpo giratório dos desertos em tumulto cessa:  
verde dos corais cálidos ou fértil clamor da língua abatida da tua  
fronte juvenil e dos suaves brilhos

murmurando a tua embriaguez das escritas são uma adormecida  
respiração ou a inocência de uma ideia ou a brevidade das flores  
entre o sono e a alegria ou as auroras de mel flutuando pelas  
memórias vacilantes e adormecendo pelas paisagens calcinadas da  
audácia ou as tintas

não adormecem a imaginação e os territórios: que são os sonhos?  
perfume em eloquente crepúsculo ou ardente fulgor onde nada se  
cria

os mares não emergem

no seu enigmático pó o ritmo dos círculos e a frescura dos gritos  
imagina montanhas incendiando o ingênuo sal das metáforas:  
iluminada consciência murmurando voluptuosamente ossos onde o  
efêmero embriaga-me e o que é uma caverna indecifrável? maré  
ansiosa dos ecos da tua vibração

abismo em inviolável labirinto acendendo silenciosamente as pedras  
como insondáveis milagres

iluminando o teu espanto as mulheres as espumas acaricia-me e de  
suaves poemas nos aromas inquietos da tua fluidez escrevendo  
surdamente as estrelas não voam: pedra, ouro, o vazio do dia e

é o horizonte em diagonal eclipse onde adormecem as liberdades  
ondulantes

no brilho dos murmúrios: flutuantes úteros montanhas no rumor  
ofuscante cadências murmúrios firmes carícias extintas mães  
segredos fragmentos altivos pedra, ouro, o vazio do dia as esferas  
enigmáticas o brilho uma palavra e leves poemas da tua fragilidade

linguagem de nítidos cristais: cílio ardente ou sopro e respiração de  
terra de corpo ensanguentado estranhando a tua língua e que são os  
símbolos? são os nomes da mulher giratória, fluidez primaveril na  
delicadeza do eco e os rumores e as aranhas e que são as fantasias? e  
que suaves cristais no poema? e que cal é seiva e é fragilidade e é  
grito? e que astros são as palavras e uma nova língua: e as esferas?

não gritam e os corpos murmurando através dos gritos onde a luz  
brota e essa brisa lívida e esse adormecer como carne e a tua brisa  
uma aranha ou uma praia e o sopro dos astros ásperos e de nítidos  
aromas e é o crepúsculo ou é o silêncio no seu imaginário sorriso e o  
que é uma galáxia embriagada? no seu cálido limbo o mel é o  
crepúsculo e é o ócio: a radiosa solidão a audácia dos ossos altivos

abrindo o enigma: aqui o teu nome flutua e o teu som reaparece  
adormecendo-me e a árvore a fome o cristal são uma ensanguentada  
cadência são uma incendiada frescura como perfumados monstros  
na harmonia do horizonte é são cântico são primordial ócio ou  
perfume dos simulacros vocálicos do espaço puro ou teu umbigo de  
quartzo ou teu mármore bebendo as águas ou tuas portas tua boca  
tua expansão do universo nos olhos e no lume do teu corpo  
despindo-se e a magia e o fim são onde a saliva desliza: nos outonos  
imponderáveis na argila leve da ausência na linguagem nas águas  
fantasiando obstinadamente nas lágrimas na folhagem melodiosa na  
tua carne nua no teu fogo onde nada se cria nos acenos na tua luz e  
no teu enigma e o que é uma folhagem vocálica? um labirinto uma  
crença inextinguível? Uma embriaguez no seu flutuante ritmo uma  
sombra numa escarpa incendiada? uma embriagada sonolência  
bebendo as águas e agitando a seiva cálida? uma esfera ou uma  
vértebra dos enigmas sombrios na linguagem?

sufoco: e o que são as palavras? um rio e um gesto um absoluto  
rumor a pedra e a escrita: lucidez da respiração e repentino renascer  
ou escultura subtil onde tudo murmura ou penumbra do silêncio e do  
ar dissipando-se como meteoro ou a noite a ausência subtil ou nudez  
a transmutação do cristal ou as nostalgias subterrâneas ou as  
palavras e uma nova língua e o mistério e a cegueira e a felicidade  
acendendo o teu mármore e a verdura

música habitada e de nítidos cristais

encruzilhadas esquecidas milagre dos círculos insólitos efémera  
ondulação abismo em brilho cisne tenso paisagem ou dança como  
cabeça ávida

fragilidade perfumada

murmura-me: a harmoniosa escuridão agita a linguagem e o sopro  
de verdura da terra do peito oscilante da raiz é: círculo onde tudo  
pulsa ou água concêntrica ou sílaba: e que são as noites? as noivas  
na língua densa da fantasia no aceno ferido libertam-se e agitam-se

o corpo e o espaço são o fio cristalino das âncoras: língua eclipse  
metáfora fome luz linguagem escuridão suavidade ou magia? cílio  
magnético artéria ou sede: mar cintilante do teu sangue ou noite  
íntima: fantasia nua e aqui o teu poema estremece e assim morro e  
ressuscito e por isso não cessam agitando a montanha cintilante e  
silêncio dos sons altivos: o voo branco arde e ergue-se e onde a  
saliva arde está essa fome de folhagem de águas de cisnes de terra e  
de flor: pátria sem sombra

metáfora nua da transmutação: as noivas murmurando a montanha  
radiosa o poema: argila e pedras e urtigas como a sombra silenciosa  
da tua ternura adormecida

murmúrio de amantes e amendoeiras que não ardem não pulsam: o  
seu eco adormece-me a escrita lívida a sua ondulação sombria é a

cal e é o fogo e a luz e a árvore e na pálpebra lúcida da fantasia no  
eco dos símbolos e onde o corpo germina e o que são as fantasias?

no mistério das palavras como no círculo dos murmúrios: no teu  
misterioso pó o espaço puro do umbigo não grita e aqui o teu  
mármore adormece e os teus suaves desertos o teu sopro a tua  
sombra é a cor: e é a carne: e os animais: embriaga-me envolve-me  
sussurra-me o poema ardente o sal: escuta-me: como uma dança na  
folhagem

teu sopro estremece

é primaveril sono ou música: indeléveis galáxias vacilantes ou  
animais indizíveis incendiando silenciosamente as sombras dos  
nossos ossos

tumulto eloquente ou furtivo ou lúcido: perfume rumor abismo na  
língua fugidia da liberdade: ensanguentada fluidez e o que é uma  
seara flutuante? o eco ou as visões? a cor e o corpo acenando? a  
magnética constelação das danças? a folhagem inesgotável ou até a  
frágil pedra, o ouro, o vazio do dia? estou vivo e escrevo sol e o  
ausente ritmo de tudo é como um delicado hálito a ressonância  
ondulante e a luz dourada da liberdade e os planetas e essa ciência  
embriagada do inesgotável e

corpos férteis? voando pelas encruzilhadas extintas tudo renasce e a circularidade volúvel das esferas embriaga-me: são os rumores e o que é uma borboleta embriagada? cisne cálido ou escrita: silêncio

são as mulheres as sílabas e desagrega-se e suspira o ouro altivo murmurando o enigma o nítido sopro e que são as lágrimas? as palavras ardem e o abismo e a seiva acenam e apagam-se afluindo pelas distâncias vacilantes e procuro palavras: saliva deserto enigma gesto ou os fragmentos lúcidos a metamorfose dos acenos insólitos onde tudo emerge latejante os enigmas secretos a respiração de mel e as pupilas e o que é uma galáxia indizível? incendiando o corpo e o que são ânforas melancólicas? o seu prodigioso fogo iluminado os úteros da tua cintilação a música dos acenos em turbilhão a delicadeza a sede e o fogo

os mitos não clamam

como chuva não ardem e os labirintos como cal não germinam: vivo uma aranha ou um espanto ou monstros em sossego e essa germinação giratória e que mar? onde tudo cessa uma sombra uma brisa é sal e abismo e silhueta esguias e é a dúvida e é o bronze onde o ar arde: não sussurra a tua fluidez e

é o antiquíssimo crepúsculo o tumulto e o que são os labirintos? o firme crepúsculo das abóbadas horizontais a ondulação ínfima o espanto dos círculos uma dança na folhagem a argila oscilante as



tintas a dúvida o nocturno fulgor o desejo as músicas melancólicas  
em visível fulgor os enigmas a fantasia ansiosa a seiva as  
amendoeiras o silêncio o eco os murmúrios a pálpebra verde a  
frescura a vibração e a fome o efémero as horas os silêncios vivos e  
uma casa indecifrável a erva cintilante o sopro giratório a folhagem  
a imaginada audácia os poemas a árvore suspensa o tremor  
imprevisto os cristais a nudez altiva a sombra uma veia tumultuosa e  
o que é uma flor inesgotável? é imaginar o ouro ausente e a raiz e a  
cal e as palavras e o liame das palavras e as mulheres o que existe a  
imaginação e as melodias o teu eco as palavras como seiva o ritmo  
indecifrável da leveza o sopro e o rumor e o sonho os simulacros a  
pedra o ouro o vazio do dia o teu eco a cabeça silenciosa da tua  
escrita nua o tumulto dos corais musicais o verde e a fantasia o vago  
e o informulável como erva os ecos ausentes o seu feroz corpo uma  
sombra uma rede densa abolindo a primavera dos espelhos  
suspensos como chuva o brilho dos ímpetos cálidos o fértil sêmen as  
mulheres os milagres a luz as visões as melodias a boca e a  
expansão do universo os mares ardentes acenando, embriagando a  
fluidez ardente absorvendo lentamente os corais a fome de cristal e  
o efémero sêmen dos símbolos as paixões a fremente germinação a  
insólita delicadeza o espanto dos fragmentos e o fio e a paz o mar  
que desliza como imaginário útero os aromas em silêncio os pulsos  
em turbilhão o teu enigma a fome de mar as visões o poema e  
cadência cintilante adormecendo-me o corpo giratório e os desertos  
insólitos ou súbitos e a escrita: lucidez da respiração incessante ou  
clamor e de nítidos brilhos

os espelhos em sossego nos corais suspensos

o eco como luz como música incandescente da tua espessura  
ensanguentada

antiquíssimo tremor do eco cintilante: efêmero mistério no eco dos  
labirintos dos nomes incendiados

clamor do sopro ressuscitado: o silêncio flutua pelas tuas teias  
esquecidas e de dorso iluminado pelo teu sopro nítido respiro como  
erva e embriago-me à espera dos inertes territórios das carícias  
enigmáticas: escuta-me: onde a noite emerge e os espelhos dos  
desertos em silêncio nos flutuam nossos corpos livres no seu lento  
murmúrio são mulheres são melodias e luz sufocando  
silenciosamente as luas: sou uma fantasia ansiosa

viver é atravessar nuvens e os rios estremecem entre o corpo e o  
espaço dos astros

tua delicadeza é fio varado fantasiando a erva a antiquíssima  
dilatação o deus murmurando a árvore onde gritam as galáxias  
vocálicas e o pó e o poeta e o que é uma serpente adormecida? um  
sopro ou uma ave: a leitura oh a matéria íntima e nua das imagens e  
essa cegueira nua e existir é imaginar sons no fio ondulante onde  
pulsam as aranhas invioláveis são uma sombra e uma ânsia giratória  
e mármore ruidoso agitando e ouro

o que existe é a imaginação e os suaves aromas e o mistério e a fantasia das praias ou dos abismos

a tua distância adormece-me e adormecer é essa insólita harmonia e aqui o teu clarão alastra nos rumores submersos e um tremor ou um dorso do teu sal estranham o teu brilho e aqui o teu punho respira e não me reconheço: estou cheio do silêncios e os crepúsculos são as mulheres

os hábitos do teu corpo como luminosos milagres é turbilhão e perfil de uma pátria sem sombra e escuta-me: beijando silenciosamente as galáxias no seu misterioso mel na argila leve da ausência nos cavalos insólitos onde a noite ensurdece no silencioso sopro no prodigioso aroma no clamor do silêncio nos corais calcinados: acaricia-me nos fragmentos líquidos das casas e? e essa sonolência tranquila e o verde soprando povoando a música e a folhagem e o silêncio e o destino onde a luz desliza de peito tenso e as aranhas com a voz silenciosa e a tua seiva ensanguentada e descalça-me: aqui o teu amor adormece e a voz cintilante da tua saliva transparente ilumina o abismo

a primavera e os acenos iluminam-se e sonham e reaparecem e as narrativas submergem

são uma perfumada cintilação onde latejam as memórias inabitáveis: o teu prodigioso perfume os animais altivos o punhal e os suaves

murmúrios e os densos brilhos e os nítidos rumores da tua cintilação e do clamor do teu sopro e do acaso e dos rumores ardentes no seu indefinível pó e tudo é uma ensanguentada simetria no espanto das palavras: corno áspero agitando o ouro e os animais e a escrita dos silêncios claros é esse mármore embriagado iluminando a paisagem: descalça-me onde se agitam as ressonâncias enigmáticas a respiração do mar a carícia ausente do círculo o clamor do sopro o sono e a alegria inventada na iminência do encontro os corpos inabordáveis flutuando pelas abóbadas esquecidas os cântaros fendidos murmurando: erva espanto sinais vocálicos ou clamor: perfumada ondulação

a esperança cálida como a brisa melodiosa da tua espessura cintilante incendeia as águas suspensas: é a chuva e é o acaso e a delicadeza e o perfume é o primaveril labirinto a cegueira dos ventos imortais e as águas adormecem e a sonâmbula invenção sonha a música delicada: são as horas e as horas não persistem não gritam envolvem-me e o teu brilho acariciando-me lividamente os olhos e a seiva como folhagem na linguagem límpida do sonâmbulo sufoco e são as horas e as horas e não beijar é acariciar searas onde o verde germina e essa germinação lívida escrevendo o espanto pulsa e liberta-me: adormecendo pelas cintilações suspensas onde submergem as caligrafias onde o sangue adormece e o que são as aranhas?

espuma abraçando a primavera altiva comovendo surdamente as  
encruzilhadas da nudez de dorso ferido

delicada extensão mas os corais não escutam a melodia dos enigmas  
e alastram e libertam-se oh matéria íntima e nua das imagens e oh a  
penumbra dos acenos imortais onde o perfume arde

peito oscilante círculo de cores povoando a música: uma ave ou uma  
dança ou a cintilante embriaguez que renasce e arde no deserto das  
auroras indecisas do teu eco e dos gritos e do amor no mar flutuante  
e clamor e mundo e cristal são como ávidos versos e o sopro dos  
corais suaves absorve a saliva magnética e sussurrar é libertar  
aromas e na luz adormecida da claridade é o brilho extravagante dos  
redemoinhos que

ecos indizíveis como danças na folhagem na harmonia espanto das  
aranhas deslizando no turbilhão feroz da noite iluminando a erva e  
os demónios

cintilantes ou insólitos rumores acendem-se: magnéticos suores  
onde brilha onde tudo irrompe onde lícido onde suores não onde  
persistem e indefinível ou tua sede nesses monstros cálidos voa e

pelas sombras vacilantes é pálpebra fugidia é ternura suave é pedra e  
infinito é sémen e folhagem é a textura do espanto e dos cristais e do  
turbilhão das amendoeiras

libertem-se os enigmas vagos e na noite cristalina da brisa a  
cintilante nostalgia dos bronzes cessará: agita-se e murmura o teu sal  
através dos corpos através das escritas

a embriagada invenção é o enigma e o indizível acaso iluminando e  
a tua luz e as mãos e aqui o teu ritmo arde através das sílabas do teu  
sopro e o ar dos acenos em tumulto e a sonâmbula claridade e as  
palavras onde despertam as escritas calcinadas e aqui o teu pulmão  
vacila suspirando a tua espuma no brilho dos círculos e o asfalto na  
linguagem límpida do sonâmbulo sufoco do teu aceno tímido e o  
teu perfume e o que existe é a imaginação e viver é sussurrar ilusões  
onde despertam cadências ondulantes e nomear é enterrar navios e  
as vozes suspiram e é o silêncio em primordial círculo e o poema  
murmurando a sombra dessa pulsação musical murmurando a tua  
luz giratória e a água ávida da tua pulsação cristalina olhando a água  
iluminada e é o inesgotável sopro e não regressam as tintas:  
alastram-se no ardente fulgor adormecendo-me o corpo giratório

são as mulheres são as noivas de onde brotam as músicas  
concêntricas e um rumor ou uma praia e onde ardem e erguem-se as  
mulheres no murmúrio dos símbolos e dos nítidos rumores e uma  
sombra uma criança enigmática as palavras as sombras a feroz  
paixão e as mulheres as musas a tua sombra a tua boca e a expansão  
do universo no desejo dos teus puros espaços e o ar dissipando-se  
como um meteoro e a seiva fugidia das tuas pálpebras suaves e a  
folhagem cintilante da tua lágrima vocálica ou: o tumulto dos

tumultos indizíveis como enigmáticos navios nos cristais escritos e:  
é fulgor em diagonal clamor e o que é uma casa tumultuosa? ou: os  
círculos não ardem através dos murmúrios as palavras, cristalinas: e  
no abismo dos sinais entre a miséria e a música habitada é a espuma  
e é o ócio no seu ondulante mármore uma narrativa ou uma vértebra  
onde tudo adormece: branco iluminando languidamente as estrelas,  
e: são uma embriagada ausência

as sombras uma espessura densa

um ovo respira-me: os segredos não sonham no eco dos corpos e são  
as mulheres os poemas da fragilidade e os leves poemas

a tua lentidão nocturna: espuma oscilante de escrita dourada de  
espuma improvável de segredo de umbigo de embriaguez: rir e  
amendoeiras e silêncio

os demónios flutuam e procuro palavras: turbilhão caligrafia punhal  
ou tumulto: é o amor é o labirinto e o ócio e o limbo e o que é uma  
pedra tumultuosa? embriaguez e claridade esfera suave ou aroma de  
argila: urtigas sombra sintaxe oblíqua ou como água os animais  
suspirando a tua luz onde o sangue pulsa pedra, ouro, o vazio do dia  
como cálidos astros ou a fugidia germinação como a sombra  
oscilante da tua saliva translúcida da tua harmonia da luz ávida da  
tua luz embriagada da tua saliva da tua respiração de pedra do meu  
bronze: não tenho lágrimas e permaneço oculto é a água e é o amor

e na voz dourada da folhagem é o murmúrio dos rumores frágeis  
uma sombra uma vigília fugidia como carne e a embriaguez dos  
murmúrios sombrios e é a água e é a carne e na flor densa da  
liberdade uma dança: na folhagem acenando, embriagando

dormir é nomear abelhas dos oásis em turbilhão ou dos planetas

acendem-se no rumor cristalino as teias ou as pedras povoando a  
noite

aqui o teu útero adormece e essa ausência flutuante esses amantes  
não murmuram e a luz e a narrativa são a lucidez da respiração  
incessante e o que é uma aurora embriagada? É o sangue dos  
simulacros sombrios é uma incendiada pulsação é o indizível brilho  
é o impalpável silêncio dos sopros musicais ou um enigma ou uma  
língua

o teu perfume uma sombra uma serpente ávida o espaço puro do teu  
umbigo de quartzo a transmutação da pedra: nasce e liberta-se e o  
que é uma montanha flutuante? o mar envolve-me inviolável e o que  
é uma voz inviolável? a ardente harmonia do ar como espuma ou os  
corais deslizando e o que é uma escrita inextinguível? sussurrando e  
irrompendo as palavras, cristalinas e acariciando a aurora ansiosa  
dos ventos no tumulto iluminando das encruzilhadas e do eco do  
infinito do mel iluminado dos tumultos da iminência do encontro do  
viver e acariciar as artérias e onde tudo germina secreto o teu som



embriaga e o que é uma sintaxe indecifrável? a dos mares e a do  
turbilhão a do deserto em primaveril poema o a do ouro vivo em  
ensanguentada cintilação

absoluto ou secreto o teu peito: o teu mistério

eco em visível fervor e o que são as musas? são essa circularidade  
feroz onde flutuam as liberdades vibrantes entre o corpo e o espaço  
entre o tremor ou a escrita ou uma sombra uma teia nítida onde tudo  
agita e lúcido o eco do silêncio

insólita ou enigmática a taciturna transformação da brisa

os silêncios das abelhas

os pássaros como insondáveis cisnes como água como ecos e não  
clamam não germinam são uma perfumada delicadeza sonhando a  
folhagem adversa entre o sono e a alegria inventada

são as mulheres as cores no seu absoluto murmúrio por onde a noite  
respira e as escritas dos sons iluminam o ouro nos olhos, no lume do

e o que é uma abóbada inviolável? é o fulgor e é o mar poema firme  
incendiando o mistério esvoaçando pelas escritas adormecidas como  
a sombra invisível das escritas adolescentes no tumulto das palavras

aqui essa superfície giratória onde incendeiam as cegueiras  
cintilantes, a pedra, o ouro, o vazio do dia e uma noite ou uma  
sombra o som antiquíssimo e a lua verde da claridade e do meu  
útero lívido

transmutação de espanto e de densos desertos curvando e  
anunciando o grito da libertação e a primavera dos versos sombrios  
agitando obstinadamente os demónios nos peixes fugidios

suave espanto dos pulsos magnéticos dos brilhos em tumulto

não tenho lágrimas e permaneço oculto

aqui o teu clarão desliza é crepúsculo em ardente poema e o que são  
os silêncios? comunicar é contemplar anémonas e o ritmo e o  
turbilhão são essa verdura perfumada onde incendeiam as  
linguagens frementes

assim morro e ressuscito

uma palavra ou uma narrativa uma sombra uma primavera subtil  
onde tudo desliza na memória do rumor repentino ou na feroz e  
radiosa fragilidade do silêncio

adormecer as linguagens

perfumados filamentos como argila

círculos beijando a saliva subtil nos olhos, no lume do corpo e são as mulheres as metáforas no seu ardente aroma onde o perfume brota e as palavras povoam o mar

tudo está imóvel e o que é uma montanha vertiginosa? é a noite e é o ócio turbilhão áspero incendiando o abismo vértebra nua do teu mistério do teu fogo árvore suspensa embriaga-me: saboreando a tua lentidão no voo ardente e na voz verbal da suavidade

astros nus flutuam e murmuram: cisnes vocálicos tumultos em silêncio e a escrita: respiração grito folhagens e primavera e o fervor

claridade perfumada onde se adensam as metamorfoses calcinadas no centro lúcido e claro do sémen

mistério da tua cintilação ou bronze: existir é saborear ilusões e cristalinas os nomes persistem como luminosos cisnes como chuva os tumultos não emergem não murmuram são uma imaginada vibração profanando a primavera ansiosa oh matéria íntima e nua das imagens são as mulheres as bocas no seu indefinível ritmo onde a saliva adormece e os segredos através das folhagens no murmúrio dos amantes desagregando o poema e escrever uma serpente e adormecer e o que é uma concha embriagada? é o mar e é o poema cântaro vibrante fantasiando a paisagem deslizando pelas

encruzilhadas calcinadas como a pálpebra incandescente da tua  
infância verde da tua inocência da tua nudez entre o corpo e o  
espaço envolve-me acendendo o teu sangue no sopro antiquíssimo e  
na pedra verbal da felicidade de corpo nu fome de ouro e de densos  
enigmas

a língua do verde é isso: a gênese dos círculos magnéticos  
enunciando languidamente as folhas nos silêncios adormecidos

sonha e é o absoluto destino dos cisnes magnéticos dos sopros em  
sossego: tudo está imóvel

aqui o teu brilho brilha é eco em primaveril mistério que são as  
distâncias? dormir é refazer espelhos e a paz e o silêncio são essa  
verdura primaveril onde sonham as elipses silenciosas ou sopro de  
verdura ou de terra um eco ou um pênis uma sombra uma cintilação  
sombria onde tudo agita como absoluto na memória do espanto  
imaginário ou magnético e a oscilante harmonia do grito: as  
palavras, cristalinas

os acenos incendeiam-se como extravagantes cisnes como seiva os  
silêncios não brilham não sussurram são uma adormecida lucidez  
profanando a brisa ativa e tudo é deserto

são as mulheres os segredos no seu cintilante mármore onde o amor  
respira e os silêncios através dos detritos no gesto dos corpos

abrindo a pedra impronunciável como a tua sombra e o que é uma  
infância indecifrável? é a escrita e é o símbolo

fio frágil acendendo a noite sufocando as paisagens enterradas como  
a música cintilante da tua fronte adolescente da tua ânsia do teu fogo  
e são os rumores dispersos: acaricia-me estranhando o teu brilho no  
mapa imprevisto e na primavera fugidia da frescura

nostalgia de ouro e de densos desertos e que cúpulas? o sangue dos  
tumultos magnéticos escrevendo ingenuamente as galáxias nos  
silêncios adormecidos

submerge e cessa: é o suave mistério dos astros adormecidos dos  
enigmas em sossego e adormecer aqui é espanto em diagonal jogo e  
o que são os sons? construir é ler folhas e a primavera e a água são  
essa cadência secreta onde gritam as âncoras obstinadas e onde  
emerge o silêncio visível e uma teia ou um espanto e uma sombra  
uma abóbada imprevista onde tudo pulsa e está lícido na pulsação  
do tumulto absoluto ou feroz e da silenciosa solidão e da escuridão  
do ouro vivo e dos abismos e tudo adormece como cristalinos  
cavalos como carne e as narrativas não escutam não ardem são uma  
perfumada invenção iluminando a paisagem vaga com a sua  
inesgotável liberdade plena e são as mulheres os rumores no seu  
prodigioso dorso onde o bronze brilha e as pupilas dos sons são e o  
que é uma metáfora embriagada? é a água e é o poema

noite sufocando pelas arcas extintas como a cúpula cintilante da tua  
carne juvenil da tua plenitude do teu útero contornando a música das  
vogais: adormece-me saboreando a nudez do aceno cristalino das  
cegueiras

sede de mar e de nítidos brilhos

entre o corpo e o espaço: o mistério dos crepúsculos indizíveis  
sufocando os versos nos brilhos lúcidos nos sons nítidos dos astros  
no sossego na brevidade das flores no teu sorriso nas águas nos  
nomes e na espuma da borboleta essa verdura nua onde se apagam  
as cadências vocálicas

espessa noite ou tremor ou sombra: uma dor subtil onde tudo  
submerge efémero na sombra do horizonte verbal e enigmático e a  
efémera fragilidade o ódio nada mais os poemas os enigmáticos  
cavalos a erva as árvores a incendiada frescura as mulheres as  
auroras no seu lânguido aroma o ar os demónios as metáforas o  
ritmo das escritas a primavera a boca e a expansão das escritas  
indizíveis?

é o silêncio e é o sonho mel varado fantasiando o enigma brisa  
fugidia ternura ensanguentada: mistério do teu corpo perfil de uma  
pátria sem sombra

liberta-me: caminhando pelas memórias impossíveis como a  
folhagem flutuante da tua respiração mágica do teu enigma do teu  
brilho bebendo as águas de tuas portas

liberta-me: murmurando a tua luz no ouro oscilante e na flor verde  
das suavidades como criança enigmática onde tudo brilha anónimo  
na invenção do crepúsculo intenso e onde estou vivo e

# ESTOU VIVO E ESCREVO SOL

através de António Ramos Rosa  
com palavras corpos silêncios e sombras

poemas combinatórios  
**Rui Torres**

programados entre Lisboa, Porto, Barcelona e Bremen

<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol>

2016

*através de textos e léxico de*  
**António Ramos Rosa**

poemario.js  
**Nuno Ferreira**

VOZ  
**Nuno M Cardoso**

SOM  
**Luís Aly**

**Húmus:** 111 poemas, 2350 versos, 17500 palavras || **Índices de frequência:** PALAVRA(S) 106; CORPO(S) 89; SILÊNCIO(S) 77; SOMBRA(S) 77; ÁGUA(S) 61; PEDRA(S) 60; ESPAÇO(S) 52; TERRA(S) 51; ÁRVORE(S) 40; VENTO(S) 39; ESCREV- 38 || **Base:** 21 poemas (v.1), reduzidos posteriormente a 7 poemas.